



**Expresso**

Actual

04-02-2012

**Periodicidade:** Semanal

**Classe:** Informação Geral

**Âmbito:** Nacional

**Tiragem:** 131300

**Temática:** Cultura

**Dimensão:** 177

**Imagem:** N/Cor

**Página (s):** 14

## Música das esferas

Há maestros que compõem e compositores que dirigem. Thomas Adès (n. 1971) encaixa brilhantemente na segunda categoria: os três concertos que dirigiu em Lisboa distinguiram-se tanto pela revelação das obras próprias como pela leitura das peças de outrem. Por outro lado, Adès é magistral na programação. Não foi por acaso que a Pastoral de Beethoven antecedeu os sete dias (da Criação) do seu concerto para piano ou que a instabilidade alucinogénica da “Symphonie fantastique” de Berlioz (que também tem as suas ligações campestres à Pastoral) se tenha seguido à *rave* de “Asyla”. As interpretações das partituras alheias foram reveladoras — um Beethoven mais interessado em mostrar de onde vem (Haydn) do que

para onde vai (isto é, mais próximo da conceção dum Harnoncourt do que dum Furtwängler) e um Berlioz caleidoscópico. Infelizmente perdi o primei-



★★★★  
**RETRATO ADÈS II: BEETHOVEN, ADÈS**  
Hodges (p), Rosner (vídeo),  
Chamber Orchestra of Europe, Adès (d)  
Gulbenkian, Lisboa, 22 de janeiro

★★★★  
**RETRATO ADÈS III: ADÈS, BERLIOZ**  
Orquestra Gulbenkian, Adès (d)  
Gulbenkian, Lisboa, 28 de janeiro

ro concerto com a excelente Chamber Orchestra of Europe, onde a “Sinfonia nº 6” de Sibelius teve, dizem-me, uma execução convincentemente onírica. O segredo da direção adesiana está na frescura, transparência e atenção às cores tímbricas: ouvem-se coisas que nunca se ouviram. Adès no pódio é uma espécie de fonte de raios X a radiografar a música. Tal como Berlioz, Adès tem as suas ‘ideias fixas’: o uso generoso da percussão, as camadas harmónicas concêntricas (que sugerem as simetrias das orbitais atómicas), a densidade tímbrica e as extravagantes sonoridades contemporâneas, os ritmos de dança. A imaginação é fortemente visual, condicionada por polos atratores (notas) capazes de criar linhas de força (musicais)

que lembram os campos eletromagnéticos de Faraday, materializados com a limalha de ferro. Os monumentais “Asyla” (1997), para grande orquestra e seis percussionistas — galharda execução da Orquestra Gulbenkian —, soam, mesmo assim, bastante transparentes, com laivos melódicos fugidios à laia de “La valse”, de Ravel (outro admirador de Couperin), e um *ostinato*, no fim do III andamento (‘Ecstasio’), que lembra o “Sacre” e deixou o público suspenso. “Polaris” (2011), uma coencomenda da Gulbenkian em três secções (como o sistema estelar triplo que lhe serve de inspiração), começa no piano e estende-se aos tímpanos, trompetes e toda uma orquestra de mil sóis numa infinda música das esferas. Que volte depressa! J.C.